

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA NA PÁTRIA BANDEIRANTE: A CRIAÇÃO DO CURSO DE GEOGRAFIA NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO¹

Sílvia Lopes Raimundo²
Rafael Faleiros de Padua³

"Vencidos pelas armas, sabíamos perfeitamente que só pela ciência e pela perseverança no esforço voltaríamos a exercer a hegemonia que durante longas décadas desfrutamos no seio da Federação. Paulista até a medula, herdáramos da nossa ascendência bandeirante o gesto pelos planos arrojados e a paciência necessária à execução dos grandes empreendimentos. Ora que maior monumento poderíamos erguer aos que haviam consentido no sacrifício supremo para preservar contra o vandalismo que acabava de aviltar de maiores, das bandeiras à independência e da Regência à República, do que a Universidade". Júlio de Mesquita Filho

A UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E O PROJETO DA ELITE POLÍTICA PAULISTA

O período que vai de 1932 a 1935 foi marcado pela reorganização das forças político-partidárias de São Paulo. As novas composições podem ser ilustradas tanto pela nomeação de Armando de Salles Oliveira para a interventoria como pela criação do Partido Constitucionalista.⁴ A mobilização da sociedade civil e os preparativos para as eleições de 1933 podem ser vistos como uma espécie de retorno de São Paulo ao cenário nacional. Na realidade, passada a Revolução de 1932, os políticos paulistas buscaram reintegrar-se ao quadro federal defendendo um projeto debatido desde 1931. A luta pela constitucionalização

¹ Este artigo foi elaborado a partir de dois trabalhos desenvolvidos na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo que trataram, entre outros assuntos, do contexto de criação da geografia na Universidade de São Paulo. Um primeiro sobre a institucionalização da geografia em São Paulo, intitulado "Reflexões sobre a Institucionalização da Geografia em São Paulo" de Rafael Faleiros de PADUA (2004) e um outro sobre o pensamento regionalista em São Paulo, com o título "A Invenção do Mito Bandeirante: Tradição e Pensamento Regionalista na Historiografia Paulista das Décadas de 1920-1930", de Sílvia Lopes RAIMUNDO (2001), apresentados respectivamente como Trabalho de Graduação Individual (TGI) e Dissertação de Mestrado.

² viamundos@ig.com.br

³ Universidade de São Paulo. rpadua@usp.br

⁴ Desde 1930, com o anúncio do fim da estrutura partidária da República Velha, o Partido Republicano Paulista (PRP) começou a demonstrar incapacidade de retomar a hegemonia do passado. Essa situação evoluiu até a cisão interna do Partido Republicano e a criação do Partido Constitucionalista, novo aglutinador das forças do Partido Democrático e da Ação Nacional (GOMES, 1980).

do país se colocou como “o caminho em que São Paulo se lança para marcar sua presença” em âmbito nacional (GOMES, 1980).

Depois de 1932, o espírito do movimento que havia sido vencido militarmente voltou a alimentar intensos debates sobre a constitucionalização. Então, reorganizados politicamente, os paulistas conseguiram chegar à Assembléia Constituinte e pautar os temas que consideravam mais urgentes.

Os representantes paulistas, principalmente os deputados da Chapa Única e do Partido da Lavoura se dedicaram especialmente às questões de reorganização do Estado. Em termos gerais, os debates pautados por essa bancada podem ser agrupados em três níveis de abordagem: um primeiro relacionado à forma de governo, no caso a forte defesa da República Federativa; um outro ao tipo de governo, com uma discussão sistematizada em torno do presidencialismo e parlamentarismo e um último ligado à “*manutenção transformadora*” da ordem liberal, responsável pela distribuição dos recursos de poder (GOMES, 1980).

Esse engajamento na escala nacional ganhou outra feição, à medida que seus representantes passaram a usar outros instrumentos de luta e o campo cultural tornou-se o novo caminho, tanto para a divulgação do ideário do grupo como para a formação das elites dirigentes.⁵

Nesse contexto a Universidade de São Paulo poderia atender os desejos de grupos políticos, em particular o que se reunia em torno do Jornal O Estado de São Paulo (OESP) e projetar tais interesses em escala nacional (MARTINEZ, 1998)⁶. A nova universidade deveria ser pensada a partir do papel que desempenharia na formação de uma camada capaz de preencher os novos quadros e exigências do período, dirigir certas instituições, compreender e solucionar problemas postos à época e educar a elite intelectual local.⁷

A Universidade de São Paulo, criada a partir da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, *locus* irradiador de um ambicioso projeto político, nasceu sob o signo do conhecer o país, inserida no que ANTUNHA chamou de “*o período heróico*”, e cresceu com o intuito de formar

⁵ Nesse sentido foram criadas várias instituições culturais, como, por exemplo, a Escola Livre de Sociologia e Política (1933), o Departamento Municipal de Cultura, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1934) e conseqüentemente, a Universidade de São Paulo (MICELI, 1979:21).

⁶ Nas palavras de CARDOSO, o grupo do jornal O Estado de São Paulo reunia “*alguns intelectuais orgânicos da oligarquia cafeeira e uma brilhante ala dissidente cujas posições se afirmavam então democráticas e modernizadoras*” (1982:43).

⁷ Tal perspectiva pode ser notada na redação do projeto da Universidade de São Paulo elaborado por Fernando de Azevedo: 1º- formar uma classe dirigente; 2º- contribuir para a solução de problemas de cunho nacional e mundial; 3º- preparar para o exercício e todas as profissões; 4º- divulgar do espírito científico e 5º- solucionar dos problemas da nacionalidade (WITTER, 1984:12).

uma elite intelectual capaz de pensar e equacionar os problemas brasileiros (1971:47). Como bem enfatizou Almeida Prado em artigo publicado em 1935 no Diário de São Paulo:

"A esse papel da imensa projeção no cenário nacional, é que se reserva o futuro da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Será a retorta miraculosa em que se operará a transformação. Dos seus anfiteatros, dos seus gabinetes, dos seus laboratórios, das suas salas de conferência é que sairão as gerações destinadas à renovação cultural e a colocar bem alto o Brasil no círculo dos povos civilizados (...)". (apud WITTER, 1984:13).

Embalada pela idéia de mística nacional a nova instituição teria como objetivo principal formar uma geração capaz de dirigir não somente o estado de São Paulo, como também os destinos da nação completando assim a missão paulista iniciada pelos bandeirantes durante o período colonial.⁸ Nesse momento o país esperava as novas bandeiras e a Universidade de São Paulo apresentava-se como a possível *"bandeira de penetração intelectual"*,

"pois o Brasil nada mais é do que um problema posto pelas Bandeiras; e ou nós paulistas de hoje e de amanhã ou resolveremos ou teremos irremediavelmente falido na missão que nos legaram os nossos antepassados contra o fascismo e o comunismo. A USP tem a missão de irradiar para todo o país uma concepção nova das coisas, FFCL teria como principal missão criar um ideal, uma consciência coletiva, ou para falar a linguagem de época, (...) a principal missão de criar no espírito da juventude e instalar na alma coletiva a mística nacional." (MESQUITA FILHO apud CARDOSO, 1982:163).

⁸ A idéia de mística nacional pode ser notada nos discursos de João Cruz Costa e Júlio de Mesquita Filho, respectivamente, orador e paraninfo da primeira turma de licenciados da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Ao transmitir que aquela geração e as futuras seriam as responsáveis pela edificação de um Brasil culto, João Cruz Costa parece concordar com a existência de uma causa paulista e no papel fundamental da FFCL.

Então a essa idéia se juntou outra, a da missão de criar um espaço para divulgar uma doutrina educativa. Para Júlio de Mesquita Filho a FFCL havia surgido como *"molde indispensável onde se fundiriam os futuros modeladores da juventude nacional"* (ANUÁRIO, 1937b:204). Ao promover a idéia de um saber em função da coletividade, Mesquita Filho defendeu como principal missão criar um ideal, uma consciência coletiva, ou melhor, para usar a sua própria expressão, uma *"mística nacional"*.

Tal mística estava no desejo de criar no território o sentido de nacionalidade baseado na matriz, não somente paulista e bandeirante, mas principalmente uspiana. Para os idealizadores da universidade era necessário constituir uma rede formada por profissionais que espalhados pelo território nacional levaria um certo padrão cultural, capaz de fazer todos os brasileiros se identificarem com a mesma formação moral e intelectual. Para eles o deslocamento de professores e alunos da FFCL criaria uma *"íntima comunhão espiritual"* entre essa e outras escolas superiores do país. Em suma a FFCL seria ponto disseminador de um certo jeito de pensar:

A Universidade de São Paulo seria a expressão máxima dos verdadeiros princípios que teriam sido escamoteados pela Revolução de 1930 e, posteriormente, recuperados na Revolução de 1932, detentora da tradição e do espírito bandeirante. Espírito esse que cumpriria na pátria bandeirante o destino manifesto de hegemonia política e cultural sobre o restante do país.

A CADEIRA DE GEOGRAFIA FÍSICA E HUMANA NOS PRIMEIROS ANOS

Com a criação de novos cursos universitários ampliou-se o campo de produção científica e cultural em São Paulo. Depois de muito tempo com cursos voltados apenas para as áreas de engenharia, medicina e direito, foram criados outros para formação em geografia, história, sociologia, economia, etc. Para formar o corpo docente foram convidados vários professores estrangeiros, preponderantemente franceses e italianos, para as humanidades e alemães para as ciências biológicas e químicas.⁹

A Cadeira de Geografia Física e Humana (1934) desempenhou importante papel na formação de novos pesquisadores e professores para o ensino secundário.¹⁰ No contexto do movimento educacional da Escola Nova, base para o projeto da Universidade de São Paulo, os estudos de Geografia e História não deveriam mais se limitar apenas a um calendário de datas, nomes e números, nem a dados relativos a Terra e seus habitantes. A prática na nova instituição

⁹ O primeiro núcleo de corpo docente da universidade reuniu jovens e recém formados professores e pesquisadores, contratados pelo professor de mecânica racional, Teodoro Ramos, através de contatos realizados diretamente na Europa. Da França vieram Emile Coornaert, da Cadeira de História da Civilização da Escola de Altos Estudos da Sorbonne; Paul Arbousse-Bastide, professor de sociologia, da Universidade de Besançon; Robert Garric, da Sorbonne e da Faculdade de Direito de Lille, professor de literatura francesa; Pierre Deffontaines, professor de geografia do Instituto Católico de Lille e de Paris; Ettienne Borne, da Universidade de Paris, professor de filosofia e psicologia; e Michel Berveiller, da Universidade de Paris, professor de literatura greco-latina.

Na Itália foram contratados os professores Francesco Piccolo, professor de latim da Universidade de Roma e de literatura italiana no Liceu Torquato Tasso também de Roma; Luigi Fartappié, professor de análise, cálculo integral e de diferencial da Universidade de Bolonha; Ettore Onorato, da Universidade de Cagliari, professor de mineralogia e Gleb Wataghin, professor de física da academia militar e da Universidade de Roma. Da Alemanha foram escolhidos três professores: Ernest Bresslau, professor de zoologia, Heinrich Rhenboldt química da Universidade de Bonn, Felix Rawitscher, da cadeira de botânica da Universidade de Friburg (ANUÁRIO, 1937a).

Além dos estrangeiros, o corpo docente da nova faculdade também contou com brasileiros, como André Dreyfus, na biologia, Luis Cintra do Prado, na física e Plínio Airosa, na etnografia brasileira e língua tupi-guaraní.

¹⁰ A Faculdade criou um novo profissional, entre outros, os licenciados em química, história, geografia e física. Até então o mercado de trabalho pretendido era ocupado por outros profissionais, *“Era feudo de advogados, engenheiros, médicos, auto-didatas, seminaristas”* (PETRONE, 1993:14).

deveria fugir das “*anotações monótonas, despida de atrativos, morta, verdadeiros exercícios mnemônicos, sem incentivo e sem espírito crítico*” para a partir de um material didático adequado “*fazer do ensino, vivo e sugestivo, uma verdadeira lição das coisas, buscando integrar profundamente, na inteligência, aquilo que outrora apenas se inseria superficialmente na memória*” (ANUÁRIO, 1937a:21).¹¹

Ao distanciar-se da natureza mnemônica, já sem sentido para alguns educadores, a geografia almejada para a Universidade de São Paulo adquiriria com o tempo papel fundamental na formação daqueles que gostariam de conhecer melhor seu país. De certa forma esperava-se dessa nova geografia o instrumental necessário para se conhecer e pensar o território.

Para desenvolver um trabalho alinhado a esse projeto vieram professores estrangeiros que durante uma década de trabalho imprimiram um jeito francês de fazer geografia.

A primeira cadeira universitária de geografia no Brasil foi criada em São Paulo em 1934 por Pierre Deffontaines (1994-1978), professor do Instituto de Geografia da Faculdade Católica de Lille¹². Formado em direito (1916) e em história e geografia (1918), o discípulo de Jean Brunhes foi além da tarefa de ministrar aulas criando nos moldes da *Association de Geographie Française* a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB).¹³

Após curta permanência no Brasil, Pierre Deffontaines foi substituído por Pierre Monbeig no ano seguinte tanto na Cadeira de Geografia Humana e Física, posteriormente de Geografia Humana (1937-1946), quanto na presidência da AGB (ZUSMAN, 2001). Mais jovem (1908-1984) que Deffontaines e formado em geografia pela Universidade de Sorbonne, Pierre Monbeig estruturou sua carreira acadêmica de professor e de pesquisador estudando a realidade brasileira, especialmente a paulista, num período marcado por profundas transformações (PADUA:2004).

¹¹ A Escola Nova que tem por princípio o conceito **aprender fazendo**, teve sua primeira grande expressão no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, cujos principais signatários foram Fernando de Azevedo (também redator do projeto da Universidade de São Paulo), Anísio Teixeira e Lourenço Filho.

¹² Muito ligado à ala mais conservadora da Igreja Católica e rejeitado pelas instituições de ensino francesas, Deffontaines realizou grande parte de sua carreira profissional fora da França. Primeiro no Brasil (São Paulo em 1934 e no Rio de Janeiro de 1935 a 1939), depois em Barcelona, Canadá, Israel e Argentina. Somente em 1964 conseguiu um posto no ensino público universitário francês, na Universidade de Montpellier, onde trabalhou até sua aposentadoria em 1967 (FERREIRA, 1999).

¹³ Além do professor Pierre Deffontaines a reunião que criou a AGB contou com a presença do geólogo e professor da Politécnica Luís Flores de Moraes Rego e os historiadores Rubens Borba de Moraes e Caio Prado Junior, o médico e diretor do Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina Geraldo Horácio Paula Souza (ZUSMAN, 2001)

Na época a Cadeira de Geografia fazia parte da 2ª Seção da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras: Ciências e nesta da 5ª Sub-seção: Geografia e História.¹⁴ Essa Sub-seção, que representava o curso propriamente dito, era composta de cinco cadeiras: 1ª Cadeira: Geografia Física e Humana; 2ª Cadeira: História da Civilização; 3ª Cadeira: História da Civilização Americana; 4ª Cadeira: História da Civilização Brasileira e 5ª Cadeira: Etnografia Brasileira e Língua Tupí-Guaraní. Estas eram distribuídas da seguinte forma:: 1º ano: **Geografia**; História da Civilização; Etnografia e noções de tupí-guaraní; 2º ano: **Geografia**; História da Civilização; Tupí-Guaraní; História da Civilização Americana (inclusive pré-história); 3º ano: **Geografia**; História da Civilização Brasileira; História da Civilização; Tupí-Guaraní (ANUÁRIO, 1937a).

No primeiro ano de funcionamento da Faculdade foram matriculados na Subseção de Geografia e História apenas dez alunos, em uma turma composta principalmente por homens que desejavam ampliar conhecimentos adquiridos anteriormente. No entanto, a turma de 1935 era formada basicamente por *“professores comissionados, de moças sobretudo, mais jovens do que os primeiros (...)”* Em dois anos os professores do curso deveriam trabalhar desejos e aspirações distintas, com dois perfis bastante diferenciados, de um lado homens mais maduros e cultos e de outro, jovens com formação cultural mais pobre *“De um lado, uma minoria desejosa sobretudo de completar a sua cultura geral, tendo o gosto das idéias e das discussões; de outro lado, um grupo de jovens, animado de grande ardor para o trabalho, conhecendo perfeitamente as suas possibilidades, mas sabendo também que, antes de mais nada, são professores e que é por esta razão que foram enviados à Faculdade”* (MONBEIG, 1937a:106).¹⁵

Essas turmas tiveram durante os dois primeiros anos do curso aulas baseadas num programa de Geografia Física e Humana que privilegiou, em detrimento da Geografia Regional, assuntos de Geografia Geral. No 1º ano: Relevo; População; 2º ano: Clima, Vegetação e Geografia da Circulação; 3º ano: Hidrografia Econômica, Geografia da Energia e Os Grandes Produtos (ANUÁRIO, 1937a). Tal distribuição de temas, a época vista pelos próprios alunos como mais científica, foi aos poucos sendo alterada por Pierre Monbeig. Pois para ele os

¹⁴ No início de suas atividades a FFCL foi organizada em três Seções: 1ª. Seção-Filosofia, 2ª. Seção-Ciências e 3ª. Seção-Letras. Sendo que as 2ª. e 3ª. eram subdivididas em subseções: 1ª. Sub-seção Ciências Matemáticas, 2ª. Sub-seção Ciências Físicas, 3ª. Sub-seção Ciências Químicas, 4ª. Sub-seção Ciências Naturais, 5ª. Sub-seção Geografia e História, 6ª. Sub-seção Ciências Sociais e Políticas . Para maiores detalhes ver MARTINEZ, 1998.

¹⁵ Contudo, alguns alunos dessas primeiras turmas tornaram-se catedráticos da Faculdade, como João Dias da Silveira, assistente da Cadeira de Geografia em 1936 e Catedrático da Cadeira de Geografia Física em 1939, Eurípedes Simões de Paula e Eduardo d'Oliveira França, Catedráticos em Cadeiras da História.

estudos geográficos não poderiam se restringir a “*classificações de climas, categorias das formas de relevo ou tipos de povoamento*” (ANUÁRIO, 1937a:107), pois “*uma geografia unicamente geral não é toda a geografia: o estudante, depois de estudar, durante três anos, exclusivamente os fatos gerais, não terá chegado a adquirir a disciplina de espírito, o método de trabalho e o rigor que os estudos regionais lhe poderiam proporcionar*” (ANUÁRIO, 1937a:107-108). Completa dizendo que ficaria feliz se no próximo ano pudesse preparar um curso de Geografia Regional, inicialmente sobre a América do Sul e depois acerca de outras regiões do globo. Nesta crítica sugere a necessidade de uma Geografia preocupada tanto com as particularidades de cada lugar quanto com os processos mais gerais, sem esquecer da materialidade destes processos e a sua história.

REGIONALIZAR PARA CONHECER SÃO PAULO

Para além da formação e capacitação de profissionais especializados, pesquisadores e professores, conhecer São Paulo em seus mais diversos aspectos apresentou-se a nova universidade como uma tarefa fundamental. Nesse sentido à geografia caberia não somente transmitir uma certa consciência nacional,¹⁶ como estimular e orientar a busca do conhecimento do território conquistado.

Na busca de um sentimento de brasilidade e do sentido de nação, entender o Brasil nos seus mais diferentes aspectos tornou-se objetivo de alguns professores e alunos da FFCL. Monbeig ressalta que essa era “*uma das finalidades da Faculdade de Filosofia: ajudar pelo ensino, e mais ainda pela pesquisa, os alunos a terem uma melhor compreensão da realidade e das possibilidades brasileiras. Tenho a impressão de que nessa época ocorreu no Brasil o que havia acontecido em alguns países da Europa em meados do século XIX: o descobrimento da nacionalidade. Isto não quer dizer que não existia antes um sentimento patriótico brasileiro, mas a meu ver naquela época foi particularmente grande o interesse pelas raízes da civilização e da sociedade brasileira – as raízes históricas, geográficas, sociológicas e artísticas*”¹⁷ (MONBEIG,1937a)

¹⁶ Tal perspectiva foi apresentada por Fernando de Azevedo, Diretor Geral de Instrução Pública, no trabalho *Sociologia Educacional* (ZUSMAN, 2001).

¹⁷ Em entrevista, Monbeig mostra que também se formava como professor enquanto ensinava os brasileiros a conhecerem seu país. “*Os alunos descreviam-me a sua terra tal como a conheciam. E creio que da minha parte ajudei-os a descobrir – digo isso porque mais tarde eles disseram a mesma coisa – qual era o conteúdo das paisagens. Uma paisagem não é simplesmente um morro, uma chapada, um vale – dizia-lhes -, mas é também o produto de uma certa sociedade e da sua evolução através do tempo – evolução econômica, técnica, social. Dessa forma, os dois elementos – professor e alunos ensinavam um ao outro, como deve ser*” (MONBEIG, 1981).

A expressão aprender fazendo passou a tomar sentido quando a geografia planejada geral foi tornando-se aos poucos regional, menos panorâmica e mais passível de ser observada e analisada em constantes trabalhos de campo. É a marcha bandeirante reeditada para promover o conhecimento científico do território paulista.

Ainda que realizada de maneira diferenciada pelos professores Deffontaines e Monbeig, a geografia ensinada nos primeiros anos da Universidade de São Paulo guardava forte vínculo com aquela praticada na França. A valorização dos levantamentos físicos, orientação de De Martonne, a preocupação em conhecer aspectos da população e da economia, herança de Demangeon e a defesa da visão historicista dos processos sociais apontados pela *École de Annales* traduzem sua versão vidalina para a Geografia no Brasil (ZUSMAN, 2001)¹⁸. Torna-se explícita a importância do paradigma regional para essa instituição, tanto para o ensino quanto para a pesquisa em geografia. A geografia regional aparece como opção metodológica nos dois professores franceses que implantaram o curso em São Paulo.

Em princípio, o professor Deffontaines, ainda preso ao programa de características generalistas, imprimiu tanto em sala de aula como também em trabalhos de campo uma abordagem regional. Tal perspectiva pode ser encontrada numa tentativa de regionalizar o estado de São Paulo publicada na revista *Geografia* como *Regiões e Paisagens do Estado de São Paulo. Primeiro Esboço de Divisão Regional* (DEFFONTAINES, 1935).

Nesse artigo, o professor que ensinava que ao geógrafo caberia identificar e descrever a paisagem observada, *“Fazer sentir as diferenças nascentes, as oposições possíveis, é tornar conhecidos os elementos complementares que determinarão contatos e trocas, ajuda mútua e fraternidade. É nesta direção que partiremos na procura das regiões e paisagens”*

¹⁸ A obra de Vidal de la Blache, muito influente na Geografia Francesa, chegou ao Brasil através da vulgarização realizada por seus discípulos mais próximos que forma professores de Deffontaines e Monbeig, Jean Brunhes foi o mestre de Pierre Deffontaines, Albert Demangeon foi orientador de Pierre Monbeig nos primeiros momentos de preparação de sua tese (o orientador posterior foi André Cholley) e Emmanuel De Martonne esteve no Brasil várias vezes, inclusive dando cursos nos primeiros anos da FFCL da USP e fazendo pesquisas sobre o país, sendo um grande influenciador do pensamento de Monbeig (ZUSMAN, 2001). A orientação na Cadeira de Geografia, a exceção de algumas obras, era praticamente toda francesa, inclusive com forte vinculação a *École de Annales*. Suas aulas e seminários eram preparados do *“melhor das contribuições dos grandes geógrafos franceses de seu tempo: Vidal de la Blache, Albert Demangeon, Max Sorre, Emmanuel De Martonne, Jean Dresch. Introduziu-nos ao conhecimento dos grandes historiadores, dotados de boa formação geográfica como Lucien Febvre, Marc Bloch e André Siegfried. Recuperou o melhor das contribuições de Pierre Denis, Capot-Rey, J. J. Juglas, Pierre Deffontaines e do então jovem e genial Pierre George. Entre os norte-americanos, enfatizava a importância da obra de Carl Sauer, Preston James e Clarence Jones”* (AB' SÁBER, 1994:228).

(DEFFONTAINES, 1935:120), propôs uma regionalização para o estado a partir da articulação entre o relevo, o clima, a hidrografia, a vegetação e o povoamento. Apesar de inicialmente considerar os aspectos naturais para somente depois articular com as ações humanas¹⁹, Deffontaines valorizou a história da ocupação, especialmente quando tratou das paisagens criadas pelos homens.²⁰

Para ele, entre outras regiões, o estado teria duas principais, denominadas a velha de leste e sul de Campinas e as novas de oeste. A primeira de relevo cristalino acidentado e com população negra e crioula e a segunda de relevo monótono e de estrutura sedimentar, essencialmente colonizada por brancos. A região de mais fácil delimitação ficava no litoral, diferenciada das demais por um desnível de 1000 metros e pelo regime climático: a região da costa leste, entre Santos e Rio de Janeiro e a costa oeste, entre a cidade de Santos e o estado do Paraná. Na costa leste, vista como lugar do atraso, havia a presença das fazendas de açúcar e de aspectos de decadência identificados no estilo vida da população caiçara. Nesse momento a banana apresentava-se como uma saída econômica para o litoral. Já a costa do oeste é vista bem diferente do atraso do litoral oriental. Nessa parte sul do litoral a serra, mais distante, oferece mais espaço para o povoamento. Também nessa costa ocidental o plantio da banana se desenvolve. Ao insistir na idéia de atraso e decadência, o autor constata que nesta parte do litoral a possibilidade de desenvolvimento é muita maior que no litoral oriental - insiste na decadência da população.

Ao assumir a Cadeira de Geografia Física e Humana, Pierre Monbeig reafirmou, de maneira crítica, os encaminhamentos dados por Deffontaines. Monbeig dirigiu a institucionalização da Geografia tendo como pilares a Geografia Regional, os conceitos paisagem e complexo geográfico e os trabalhos de campo. Para além do trabalho realizado anteriormente,²¹ o novo

¹⁹ Quando encontrava dificuldade para particularizar parte do território a partir de aspectos humanos, como, por exemplo, povoamento, Deffontaines optava pelos aspectos da natureza. Algumas regiões foram desenhadas apenas a partir dos aspectos físicos, como foi o caso da "Zona cristalina e dobrada do alto da Serra".

²⁰ No Estado de São Paulo identificou regiões mais antigas a leste e sul de Campinas (Vale do Paraíba, região da Capital e litoral) e as regiões mais novas a oeste e norte, onde predominavam a formação das fazendas de café. E mesmo nessas zonas mais novas, é preciso distinguir, segundo o autor, as áreas de exploração mais antigas (antes de 1900) das áreas pioneiras do séc. XX.

²¹ Em termos de constituição do curso e da AGB a atuação do professor Monbeig foi nesse primeiro momento continuar o que havia sido implantado por Deffontaines. *"Neste período (1934-46) de dez anos, tanto professores como alunos estavam submissos ao regime criado pelo professor Deffontaines – de aulas teóricas, de seminários, onde se interpretavam cartas geográficas, onde se interpretavam textos das mais variadas áreas da Geografia e finalmente as excursões, que eram feitas normalmente em função do pouco número de alunos e facilidade, portanto, de movimentação. E por último aquilo*

professor apresentou a geografia regional, primeiro como estratégia que legitimava a disciplina como discurso útil para o projeto de construção da identidade nacional. Depois como proposta didática mais adequada para o ensino de geografia. A geografia, entendida como ciência de base territorial, permitiria que o estudante conhecesse profundamente as diversas regiões brasileiras (ZUSMAN, 2001).

Seu comprometimento com as questões de caráter nacional pode ser notado por sua produção. Durante o período em que permaneceu no país, realizou intensa pesquisa, publicada em forma de artigos e livros²², muitos dos quais sobre São Paulo. Da sua tese de doutorado sobre as frentes pioneiras do oeste do estado de São Paulo e norte do Paraná, publicou *“Pioneiros e Fazendeiros do Estado de São Paulo”* (1951) e outra obra complementar *La Croissance da Ville de São Paulo* (1953)²³.

Monbeig desde o princípio tomou o trabalho empírico como fundamental tanto para a orientação didática como para a realização de pesquisas. O professor Aziz Ab' Saber recorda que sua primeira aula na Faculdade (em 1941) foi prática num trabalho de campo que partindo de São Paulo percorreu regiões de Campinas, Jundiaí e Itú. Durante o curso Monbeig alertava *“que toda a teorização precoce acabava por ser repetitiva e infértil. Era necessário iniciar-se por trabalhos analíticos sobre temas reais, percebidos no teatro geográfico das atividades humanas, quer no mundo rural quer no mundo urbano. Antes de se iniciar nos trabalhos de campo e na percepção das relações entre os homens e a terra, e os homens e a sociedade, era impossível teorizar”* (AB SÁBER, 1994:226). Para MONBEIG, a *“a paisagem*

que eles exigiam e que hoje parece meio difícil de fazer ou de uns tempos prá cá, que era o aluno fazer as suas próprias pesquisas para fins de nota final. Uma monografia qualquer em cada ano. Pelo menos uma por ano” (ARAÚJO FILHO, s/d).

²² Em 1940 alguns desses textos foram publicados no livro *“Ensaio de Geografia Humana Brasileira”*

²³ O resultado de tal orientação regional, reconhecida por Monbeig como *“bom caminho”*, pode ser notado nos temas de monografias escolhidos desenvolvidas pelos alunos das primeiras duas turmas. A cultura e o comércio do algodão em São Paulo, A produção e o comércio das laranjas no mundo (considerados do ponto de vista paulista), Monografia de Cornélio Procópio - cidade pioneira, Evolução demográfica de São Paulo, Projetar uma carta comentada das indústrias têxteis na cidade de São Paulo, As condições geográficas de desenvolvimento de São Paulo, As origens do centro industrial paulista comparada a sua evolução do Rio de Janeiro, Importância das diferentes estradas de ferro paulistas, Traçar os perfis dos rios paulistas tendo em vista a rede hidrográfica e Estudo da Serra do Mar (ANUÁRIO, 1937). Além: *“Santos e a Geografia Humana do Litoral Paulista”* (1944), de Maria da Conceição Vicente de Carvalho (primeiro doutorado de Geografia defendido no Brasil), *“Estudo geográfico dos Contrafortes Ocidentais da Serra da Mantiqueira”* (1945), de João Dias da Silveira, *“Sítios e Sítiantes do Estado de São Paulo”* (1946), de Nice Lecocq Müller e *“Estudo Sobre o Clima da Bacia de São Paulo”*, de Ary França (ARAÚJO FILHO e CARVALHO, s/d).

seria uma primeira síntese compreensível sensorial e subjetivamente [realizada]”, sendo o complexo geográfico a análise desta paisagem, ou seja, a análise dos elementos que a compõem (ZUSMAN, 2001:23).

Essa concepção reforça o papel do trabalho de campo, à medida que indica a necessidade de visualização da paisagem estudada como ponto fundamental para a realização da análise pretendida. Ao distanciar-se dos estudos demasiadamente abstratos, a geografia se voltaria para estudos concretos da realidade a partir da realização de observações, análise e descrições explicativas da paisagem estudada.

Com intuito de difundir a necessidade de promover trabalhos de campo, Monbeig orientava os alunos a realizarem monografias sobre localidades próximas a São Paulo. Era necessário buscar conhecimento além dos limites dos textos e das aulas expositivas e fazer os alunos entrarem em contato com uma geografia mais concreta.²⁴

Essa geografia de caráter profundamente pragmático prestou-se de maneira exemplar aos interesses explícitos do projeto de criação universidade, formando profissionais antes inexistentes e conhecimento fundamental tanto para a gestão do território como para a formação de uma identidade local/nacional gerada a partir da nova instituição de ensino. Agora em missão educadora, professores e alunos seriam os novos bandeirantes a reeditar as conquistas do passado.

REFERÊNCIAS

AB' SÁBER, Aziz. Vinte e Cinco Anos de Geografia em São Paulo. In: *Boletim Paulista de Geografia*, n°.34, AGB-São Paulo, 1960.

-----, Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo. In: *Revista Estudos Avançados* volume 8 - n°. 22 – setembro/dezembro, 1994, São Paulo, USP.

ANDRADE, Manuel Correia de. A AGB e o Pensamento Geográfico no Brasil. In: *Terra Livre 9 – Geografia, Território e Tecnologia*, São Paulo, AGB, Julho/Dezembro, 1991.

-----, Pierre Monbeig e o Pensamento Geográfico no Brasil. In: *Boletim Paulista de Geografia*, n.72, AGB-SP, São Paulo, 1992.

ANTUNHA, Heladio. *Universidade de São Paulo*. Tese de Livre Docência. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971.

CARDOSO, Irene. *Universidade da Comunhão Paulista*. São Paulo, Editores Associados-Cortez, 1982.

²⁴ Monbeig chegou a sugerir que a Faculdade constituísse um fundo de reserva especial para a realização de excursões e compra de material.

“é necessário ir pensando na constituição de uma coleção de cartas topográficas, geológicas, climáticas, econômicas, representações concretas do que ele (o professor) enuncia ‘ex-cathedra’, e possa também fazer explicar e comentar o mapa, como o historiador faz com o texto, e como o químico dirige trabalhos de laboratório. Para isto, é necessário material, e há falta dele” (MONBEIG, 1937a:111).

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Os Caminhos da Geografia Humana no Brasil. In *Boletim Paulista de Geografia* 71. AGB São Paulo, 1993, pp. 129-142.
- , A Geografia Brasileira, Hoje: Algumas Reflexões. In: *Terra Livre*, Ano 18, vol.I, n°.18, AGB, São Paulo, Janeiro/Junho, 2002.
- DEFFONTAINES, Pierre. Apresentação. In: *Geografia*, ano I, número I, AGB, São Paulo, 1935.
- , Regiões e Paisagens do Estado de São Paulo. Primeiro Esboço de Divisão Regional. In: *Geografia*, ano I, número III, AGB, São Paulo, 1935.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Diário pessoal, Autobiografia e Fontes Orais: A Trajetória de Pierre Deffontaines. In: Anais do I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, UNESP, Rio Claro, 1999.
- GOMES, Angela Castro et alli. *Regionalismo e Centralização Política: Partidos e Constituinte nos Anos 30*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1980.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. *A Dinâmica de um Pensamento Crítico: Caio Prado Júnior (1928-1935)*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.
- MASSI, Fernanda Peixoto. *Estrangeiros no Brasil: a Missão Francesa na Universidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1991.
- MONBEIG, Pierre. A zona pioneira do Norte Paraná. In: *Geografia*, ano I, número III, AGB, São Paulo, 1935.
- , A Filosofia que orientou a criação a USP continua válida (Entrevista realizada em 4 de novembro de 1979). In: Mota, Lourenço Dantas (Org.). *História Vivida (II)*, Coleção Documentos Abertos, O Estado de São Paulo, 1981.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *A Geografia no Brasil (1934-1977): Avaliação e Tendências*. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1980. (Teses e Monografias, 37).
- MORAES, Antonio Carlos Robert, Notas sobre a Identidade Nacional e Institucionalização da Geografia no Brasil. In: *Estudos Históricos*, vol.1, n° 8, 1991.
- , Departamento de Geografia: Linhas de Pesquisa. In: *Estudos Avançados* 22, IEA-USP, São Paulo, Setembro/Dezembro, 1994.
- PADUA, Rafael Faleiros de. *Reflexões sobre a institucionalização da Geografia em São Paulo*. Trabalho de Graduação Individual, Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004.
- PEREIRA, José Veríssimo da Costa. A Geografia no Brasil. In: AZEVEDO, Fernando de (Org.). *As Ciências no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- PETRONE, Pasquale. O Ensino de Geografia nos Últimos 50 Anos. In: *Revista do Departamento Orientação*, n°.10, DG-FFLCH-USP, São Paulo, 1993.
- , *Borrador 2 – História do Pensamento Geográfico*, AGB – São Paulo, 1994.
- , Pasquale Petrone e a Geografia na USP (Entrevista). In: *Estudos Avançados* 22, IEA-USP, São Paulo, Setembro/Dezembro, 1994.
- RAIMUNDO, Sílvia Lopes. *A Invenção do Mito Bandeirante: Tradição e Pensamento Regionalista na Historiografia Paulista das Décadas de 1920-1930*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
- ZUSMAN, Perla. Las Ideas Geográficas También Precisan Pasaporte. Trayectorias de Pierre Deffontaines y la Circulación de su geografía (San Pablo – Río de Janeiro – Barcelona). In: Anais do I° Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico. UNESP, Rio Claro, 1999.
- , Na Procura das Origens da AGB. In: *Boletim Paulista de Geografia*, n°. 78, AGB – São Paulo, Dezembro de 2001.
- WITTER, José Sebastião. *USP/50 anos – Registros de um debate*. São Paulo, Reitoria da USP, 1984.

FONTES

ANUÁRIOS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS de 1934/1935 e 1936, publicados respectivamente em 1937 (a) e 1937 (b), São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais.

DEPOIMENTOS EM FITA CASSETE

Fitas cassete (CAPH) com depoimentos dos professores José Ribeiro de Araújo Filho e Maria Conceição Vicente de Carvalho. Departamento de Geografia - Universidade de São Paulo. (Década de 1980).